



**Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB**

**Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação**

Polo: Agudo – RS

Disciplina: Elaboração de Artigo Científico

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

01/12/2012

**As tecnologias da informação e comunicação nas práticas docentes
em artes visuais**

Technologies of information and communication on visual arts teaching practices

DIEHL, Viviane

Mestre em Educação – UFSM

RESUMO

Este artigo trata de problematizar em que medida podemos compreender as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) presentes nas práticas docentes aplicadas no ensino de artes visuais, a partir das publicações nos Anais do 21^o. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em 2012. Para tanto, os objetivos específicos preveem identificar quais TIC estão relatadas nestas práticas docentes dos professores de artes visuais, divulgadas nas publicações; reconhecendo, na escrita dos professores, a forma como exploram as possibilidades das TIC no ensino de artes visuais; compreender para o que os professores elegem as TIC nas suas práticas docentes, aplicadas ao ensino de artes visuais. A metodologia desta pesquisa qualitativa foi desenvolvida, inicialmente, com a elaboração do referencial teórico e, a seguir, foi realizado o levantamento documental nos Anais do 21^o. Encontro da ANPAP, em 2012, buscando coletar os dados nos artigos publicados que tratavam da temática do estudo. Os achados foram sistematizados a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin e Gomes (1979 *apud* MINAYO, 2010) e apontam para a compreensão de que a multiplicidade de tecnologias que são disponibilizadas apresentam seus limites, suas contribuições e características singulares quando utilizadas como mediadoras no ensino de artes proporcionado pelos professores pesquisadores. As TIC podem ser experimentadas e usufruídas, pois criam um ambiente interativo e colaborativo que proporciona ao educando a construção do conhecimento reflexivo e crítico, com inventividade, participação e autoria na produção de sentidos.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), prática docente, ensino de artes visuais.

ABSTRACT

This article discusses how to comprehend the Technologies of Information and Communication (TIC) which are present at the teaching practices which are applied at Visual Arts teaching. That it done through the publications of the 21st Meeting of the National Association of Plastic Arts Researchers (ANPAP), in 2012. This qualitative research's methodology was developed with the documental survey of the publications in order to collect data on the articles about the subject of this study. The found data was systematized through content analysis as proposed by Bardin and Gomes (1979 apud MINAYO, 2010). They point to comprehend that the multiplicity of technologies which are available present its contributions, limits and singular characteristics when used as mediators of the visual arts teaching which is proportioned by the researcher-teachers. TIC create an interactive environment which brings the construction of critic and reflexive knowledge to the student, with inventivity, participation and authorship on senses production.

Key-words: Technologies of Information and Communication (TIC), teaching practice, visual arts teaching.

INTRODUZINDO A PROPOSIÇÃO

As tecnologias que há muito tempo estão presentes no nosso cotidiano educativo, das mais diversas formas, hoje, ocupam um lugar de destaque com um desenvolvimento vertiginoso e imbricado nos contextos educativos de toda ordem.

Neste espaço, percebemos que algumas ações docentes exploram e compartilham destas possibilidades tecnológicas no processo de ensinar e aprender, mesmo que ainda presenciemos muita resistência, limitações e dificuldades dos professores de artes visuais para pensar formas de atuar contemplando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no seu fazer docente.

A interatividade com as TIC pode trazer contribuições ao contexto do ensino de artes, quando os professores oportunizam possibilidades para se consolidar um processo educativo significativo e ampliado nas suas práticas docentes.

Assim, este estudo pretende apresentar em que medida podemos compreender a abordagem das Tecnologias de Informação e Comunicação nas práticas docentes do ensino de artes visuais, a partir das publicações nos Anais do 21º. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em 2012.

Para tanto, os objetivos específicos preveem identificar quais TIC estão relatadas nas práticas docentes dos professores de artes visuais; reconhecer na escrita dos professores, a forma como exploram as possibilidades das TIC no ensino de artes visuais e compreender para o quê os professores de artes elegem as TIC nas suas práticas docentes.

A metodologia desta pesquisa qualitativa foi desenvolvida, inicialmente, com a realização da pesquisa teórica sobre o tema proposto. A seguir, fizemos o levantamento documental nos Anais do 21º. Encontro da ANPAP, em 2012, buscando coletar os dados nos artigos publicados que tratavam da temática do estudo. Os achados foram sistematizados a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1979), com adaptações de Gomes (*apud* MINAYO, 2010) e elaboramos a síntese interpretativa dialogando com os pressupostos deste estudo.

As tecnologias e o ensino da arte: ações expandidas e significativas com saber em fluxo

As tecnologias, que percebemos assumirem um caráter incorporado à rotina do cotidiano, estão se integrando gradativamente e se acham muito mais presentes no processo educativo contemporâneo, especialmente, na modalidade de educação à distância.

Os especialistas nesse campo reconhecem que a distinção entre ensino 'presencial' e ensino 'a distância' será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrado às formas mais clássicas de ensino. (LÉVY, 2010, p. 172)

Nas modalidades presenciais, considerando que habitamos regularmente este cotidiano, percebemos existirem ações que contemplam o uso das TIC, mas ainda são pouco exploradas pelos docentes e discentes, nas quais identificamos uma limitação significativa de interatividade e colaboratividade educativa em todas as áreas, com especial atenção para o campo do ensino de artes visuais que é o foco deste estudo.

Se por um lado, espaços de ensino estão cada vez mais envolvidos pelos meios tecnológicos, ricos em recursos, ferramentas e programas, laboratórios com equipamentos e acesso às redes de comunicação, que oferecem possibilidades para contribuir educativamente, por outro, deparamo-nos com a resistência e a dificuldade que muitos professores e alunos enfrentam com essa disponibilização das tecnologias e, quando as concebem no contexto educativo, isto se dá apenas em programas de apresentação, alguns vídeos inseridos nas propostas pedagógicas, acesso aos e-mails e às redes sociais.

A educação para o século XXI está marcada pela globalização, pela descoberta da diversidade e pelo desenvolvimento cada vez mais rápido de conhecimentos técnicos e

científicos que se propagam pela influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), gerando o paradigma da Sociedade do Conhecimento.

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação (TIC), mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e actuar na transformação de seu contexto. Assim, o uso da TIC com vistas à criação de uma rede de conhecimentos favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional (SILVA, 2006, p.08).

A abertura para novas interações na multidimensionalidade oferecida pelas TIC, que não se limita ao acesso, apreendendo a complexidade do mundo, é um desafio para que o aprendido possa ser significado e incorporado, configurando, reconfigurando, ampliando o conjunto de saberes construídos e compartilhados com os educandos, pois como escreve Freire (1993, p. 9), "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".

Com o acesso às tecnologias da informação e comunicação expandimos o campo educacional e ampliamos as ações no ensino de artes, reverberando em práticas educativas que não mais se limitam ao universo do espaço escolar, mas propagam e dispersam formas de operar com situações pedagógicas para muito além do contexto da sala de aula, num processo de aprendizagem que se dá no universo do saber em fluxo.

Neste ambiente de trânsitos e entrecruzamentos que se constituem em negociações complexas, revelam-se diferenças, encontros, desencontros, expõem-se narrativas divergentes e/ou convergentes numa perspectiva privilegiada de entrelaçamentos que emergem destas relações de aprendizagem que se instauram no campo do ensino de artes.

O processo de ensinar e aprender em Artes é uma prática que pode ser renovada constantemente, quando nos dispomos a isso, e incluir possibilidades inovadoras que se apresentam no âmbito das tecnologias, para que o cotidiano educativo possa ser revisitado, reinventado e explorado, proporcionando aos educandos outros modos para a construção de sentidos ao ser, estar e atuar culturalmente no mundo.

Este posicionamento implica no reconhecimento da abertura ao outro num espaço de convivência compartilhado e cooperativo, construindo uma possibilidade para a compreensão da pluralidade tanto nos sentidos e significados que afetam os sujeitos participantes deste contexto, bem como, naqueles atribuídos por eles (FLEURI, 2003).

Nesta perspectiva, uma educação em artes visuais com intervenções problematizadoras e contextualizadas, abordando aspectos relevantes da vida dos educandos e mediada pelas possibilidades múltiplas de interação multimídia das tecnologias de comunicação, pode contribuir para o processo construtivo e significativo dos saberes, de forma colaborativa, interativa, autoral e inventiva.

Entretanto, quando o uso das tecnologias é equivocado e o tratamos de forma inadequada, conteudista, para a memorização e reprodução dos conteúdos de artes, onde os alunos tem um material didático a ser seguido e as atividades pré-determinadas a serem realizadas para sua avaliação, não há criatividade nem interações mediadas que possam conduzir para uma aprendizagem com significado. Neste sistema, o professor é apenas um provedor de conhecimentos.

Ao considerarmos estes apontamentos, há que se pensar uma concepção de ensino da arte, diferentemente do que se tem percebido em alguns ambientes educativos hierarquizados e disciplinares, limitadores de determinados campos de abordagem, onde a relação se dá unicamente entre emissor e receptor.

É preciso atenção para o quê e como estamos propondo a abordagem das tecnologias na educação em artes, pensando em novos modos de produzir conhecimento que sejam “emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se organizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva” (LÉVY, 2010, p. 160), oportunizando aprendizagens personalizadas com saberes individuais e aprendizagens coletivas de saberes que pertencem aos grupos de sujeitos envolvidos neste processo.

Estamos em contínuo fluxo enquanto professores pesquisadores do ensino e aprendizagem em artes visuais o que nos permite avaliar e repensar as nossas práticas docentes e posturas pedagógicas, em busca de ações expandidas e significativas, para além dos espaços escolares instituídos, que contemplem uma postura investigativa na participação efetiva dos sujeitos envolvidos com a construção do conhecimento promovendo saberes.

Este ambiente mediado pelas tecnologias pode gerar um espaço criativo e formativo no ensino de artes, onde os processos de aprendizagem reflexivos, críticos e autorais são construídos pelos sujeitos em interação, a partir da compreensão e articulação dos contextos, do reconhecimento dos significados e sentidos, do que pode ser assumido e do que precisa ser repensado.

O uso das TIC nos processos de aprendizagem em artes, com objetivos claros e propostas significativas, deflagra possibilidades e permite o alargamento da compreensão para além de informações e conhecimentos compartimentados, ampliando os horizontes educativos que podem contribuir para a formação dos sujeitos.

São processos abertos que não cessam de ser repensados e reinventados constantemente, estando em processo, coadunam com a provisoriedade, sem respostas definitivas e totalizantes na sociedade tecnológica que vivenciamos, provocando uma renovação e uma metamorfose na noção de ensinar que temos tido até então (LEVY, 2010).

Ensinar em artes com as TIC pressupõe que consideremos o saber transpassado nas relações de toda ordem e, em boa medida, os processos formadores podem compartilhar e sinalizar propostas, nas quais se inscrevam diferentes práticas educativas para ensinar com significado, permitindo refletir o que nos possibilita desenvolver a criação, os modos de observação, de compreensão e de significação dos saberes, numa dimensão autoral dinâmica construída com critérios de inventividade, interatividade e colaboratividade.

Inquietações contemporâneas do professor pesquisador no ensino de artes visuais

Num contexto contemporâneo globalizado e com o uso das tecnologias, as experiências docentes formativas e operantes em artes visuais são desafiadas por uma mobilidade incessante que exige e possibilita uma diversidade de deslocamentos, ao mesmo tempo em que os impede, para que possamos reinventar nossas práticas pedagógicas e dar voz as inquietações que nos desacomodam.

Pimentel escreve que “dar a@s professr@s de Arte a formação e condições adequadas para que el@s se tornem sujeitos pensantes do seu contexto e de sua ação não é objetivo da maioria dos cursos [de formação]”¹ (PIMENTEL, 2007, p. 290).

Entretanto, ainda observamos a padronização de materiais e atitudes em ações controladoras que limitam a capacidade do professor estudar, criticar, refletir, tomar decisões, fazer escolhas e organizar as suas ações pedagógicas e investigativas, como também, compartilhamos o espaço educativo com professores desinteressados e acomodados que abandonaram investimentos formativos em si mesmo e no outro.

A capacitação docente para atuar como mediador neste contexto do ensino da arte e das TIC é oportunizada em eventos e meios que possibilitam o compartilhamento de

experiências e saberes e a ampliação dos conhecimentos num processo de formação coletiva continuada e autônoma.

Hoje, um dos principais projetos de capacitação do professor nesta área é o PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional, cujo objetivo é promover o uso pedagógico da informática na rede pública. Também estão disponíveis na internet vários sites com orientações para os docentes, como o Portal do professor, Domínio Público, TV Escola e o Banco Internacional de Objetos Educacionais. Todos são gratuitos e têm acesso livre. (BOLETIM ARTE NA ESCOLA, p. 4-5, 2012).

Estes projetos podem ser recebidos com receptividade, mas também podem operar com resistências pela necessidade de atitudes que demandam mudanças nas ações e proposições pedagógicas dos educadores que se instalam, muitas vezes, num campo formado e mantido imobilizado.

Mas existem questões que nos acompanham enquanto professores pesquisadores e reafirmam a importância de investir na formação continuada e permanente. Como escreve Tourinho,

esta formação deve ser feita dentro e fora das escolas. Deve levar os professores a transitarem entre porões, terraços, praças e jardins, mas, não apenas isso. Esta formação nômade, como nosso tempo requer, significa que não basta trazer ou levar os professores para um centro, para espaços alheios ao seu cotidiano. É preciso um projeto de formação *in loco*: que os formadores de formadores se desloquem até os locais de trabalho dos professores e façam daquele espaço o cenário vivo das experiências de aprendizagem para continuidade da formação. Assim, a formação continuada de professores enfatizaria o exercício da observação – acompanhando os formadores, porém, no seu próprio local de atuação – esta capacidade que permanentemente orienta o fazer pedagógico. (TOURINHO, 2009, p.59).

Quando o professor pesquisador exerce a observação como prática cotidiana, especialmente a partir do cotidiano do seu entorno, suas reflexões produzem sentido e suas ações como propositor, problematizador e reinventor da realidade passam a ser incorporadas significativamente no seu fazer docente.

Uma postura atenta como educadores colabora para os debates em torno das questões que envolvem o ensino de artes e as tecnologias, instigando e desacomodando nossos fazeres cotidianos de forma a atender a demanda midiática interativa, para investigar, intervindo com questões pertinentes que problematizem o que temos presenciado no ensino de artes mediado pelas tecnologias e tendo como orientação o desenvolvimento da capacidade autoral, crítica e inventiva dos educandos.

Na perspectiva da interactividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipas de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em lugar de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração. [...]. Em lugar de guardião da aprendizagem transmitida, o professor propõe a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem (SILVA, 2006, p.06-08).

O uso de tecnologias como recursos na educação com ênfase ao papel mediador do professor, principalmente quando se trata de ambientes virtuais de aprendizagem, pressupõe a interação de alunos e professores para a construção de conhecimentos individuais e coletivos que transitam em vários campos.

A articulação entre teorias educacionais com a prática pedagógica e com os recursos tecnológicos auxilia o professor pesquisador a refletir sobre os modos de operar nestes campos transpassados e redimensionar suas ações, o que pode potencializar os processos de aprendizagem na constituição de redes de conhecimento.

O uso das tecnologias contemporâneas possibilita a professor@s e alun@s desenvolverem sua capacidade de pensar, fazer e ensinar arte em uma via contemporânea, representando um componente importante na vida de quem aprende/ensina, uma vez que abre uma gama de possibilidades de conhecimento e expressão. Não se trata de substituir materiais e procedimentos já consagrados, mas de poder escolher o mais adequado processo de construção do trabalho (PIMENTEL, 2007, p. 292).

O professor habita um espaço mediando proposições educativas em artes visuais, ativando interações, explicitando e problematizando concepções, valores e conceitos, dinamizando e estimulando formas de organização e elaboração de sentidos que perpassam estes campos inter-relacionados de ensinar e aprender.

Ao professor cabe interagir, desafiar e estimular o aluno, bem como, avaliar os recursos tecnológicos mais adequados para as proposições a serem desenvolvidas, o que implica em saber fazer opções adequadas quanto à prática pedagógica a ser adotada a partir de vivências diferenciadas nas situações em que as TIC são utilizadas como recursos educacionais, a partir da própria experiência com as tecnologias.

Entre os recursos das TIC, as imagens e os meios audiovisuais como a televisão, os vídeos, os filmes, são dispositivos problematizadores, de fácil acesso, que podem contribuir com mais dinâmica nas abordagens educativas, numa perspectiva de compreensão de toda a forma de textos: visuais, redigidos, auditivos, sensoriais, que sejam adequados ao que o professor propõe.

A docência exercida cotidianamente e construída com comprometimento, a partir dos desafios enfrentados, gera os saberes compartilhados. Mas nem sempre compreendemos a poética de ser professor nas escolhas para os processos de ensinar e aprender com ações mediadas pelas tecnologias para se pensar a arte de modo que seja de interesse para a vida dos educandos.

Estudo e prática de como as tecnologias contemporâneas, seus pressupostos e suas vias teóricas podem auxiliar a aprendizagem/ensino da Arte, tendo por princípio que elas são não somente mais uma ferramenta para fazer Arte, mas, principalmente, meios valiosos para ajudar @ professor@ e @ estudantes a pensarem Arte. (PIMENTEL, 2007, p. 298).

Os modos de ensinar e aprender do professor podem se constituir numa possibilidade educativa plural ao explorar e valer-se das linguagens tecnológicas, como também, das situações que emergem do contexto cotidiano. São proposições para repensar a atribuição de significados e sentidos ao existir como sujeito docente crítico e atuante num contexto que precisa ser reinventado, onde haja espaço e tempo mobilizados, onde se possa educar e aprender gerando experiências e saberes compartilhados.

O professor que concebe práticas pedagógicas criativas e inovadoras para proporcionar a reflexão, articulando redes de informações, mobilizando e acessando saberes cotidianos ampliados que deflagram uma educação significativa, passa a romper com as práticas conteudistas de ensinar e aprender, para dar lugar ao prazer da experiência, valorizando o que toca e afeta os participantes deste processo. (LAROSSA BONDÍA, 2002).

Ao pensar a prática pedagógica a partir dos modos de ver, compreender e interagir num contínuo processo de construção e reconstrução de proposições, o professor pesquisador valoriza no educando o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e é capaz de promover a abertura ao que atravessa, ultrapassando o campo da organização disciplinar para oportunizar um saber compartilhado num campo interativo, tecnológico e complexo, que abre condições de espaços e de tempos para gerar transformações e novas possibilidades no cotidiano do ensino de artes visuais mediado pelas TIC.

Desdobramentos da pesquisa: investigando as TIC

Com as demandas da contemporaneidade percebemos que surge a necessidade de ampliarmos o campo de estudos do ensino de artes visuais, atualizando as práticas

pedagógicas e estratégias de ensinar e aprender, com reflexões atuais para que possamos colaborar e compartilhar de inovações e possibilidades educativas.

Instituições como a Fundação Itaú Cultural e o Instituto Arte na Escola têm adotado tecnologias contemporâneas a favor da disseminação do conhecimento sobre Arte, ao criar estratégias de elaboração de *CD-ROMs*, sítios especializados e *DVDs* (DUTRA; MAIO, 2009, p.43).

Neste contexto surge a necessidade de ações investigativas para pesquisarmos os limites e possibilidades da inserção das TIC nos espaços de ensinar e aprender em artes visuais e de compartilhar destas experiências.

Para tanto, as publicações científicas como os artigos compartilhados em periódicos, eventos, livros, meios digitais, e demais formas de divulgação tem contribuído para que possamos problematizar, refletir e avaliar a partir de algumas ações que estão sendo desenvolvidas nas práticas de ensinar e aprender dos professores pesquisadores em artes visuais, nos espaços educativos formais da educação básica e da graduação, bem como em espaços informais, onde acontece o desenvolvimento de projetos.

Um dos meios de destaque da divulgação das pesquisas em artes é o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP²), que realizou sua vigésima primeira edição, de 24 a 29 de setembro de 2012, no Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), do qual resultaram os anais que reúnem os cento e setenta e quatro artigos completos apresentados, consistindo numa coletânea atual e expressiva da pesquisa brasileira na área de artes visuais. Os encontros da ANPAP são organizados anualmente e participam associados e não associados. Este evento tem sido referência para o desenvolvimento da pesquisa em Arte no país, discutindo, divulgando e compartilhando, o conhecimento entre instituições, artistas e comunidade científica. (ANPAP, 2012).

O 21º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP promoveu três mesas de debates sobre as relações Vida e Ficção/Arte e Fricção e foi organizado em doze simpósios³ com apresentações de quinze pesquisadores por tema, com exceção, do simpósio sobre gravura artística que contou com nove apresentações.

Entre os artigos de cada simpósio foram selecionados aqueles que fizeram referência ao uso das TIC na prática docente do ensino de artes visuais dos professores pesquisadores e indicavam o público participante. Assim, sete estudos artigos

contribuíram com os dados para pensarmos a atuação docente mediada pelas tecnologias e são indicados no Apêndice A, com os respectivos resumos.

Cada artigo abordou uma ou mais Tecnologias de Informação e Comunicação diferenciadas nas práticas docentes relatadas, como as imagens fílmicas, audiovisuais, fotografias digitais, fotomontagem, foto/performance, imagens publicitárias, colagem digital, pintura digital, xilogravura, gravura digital, redes virtuais e o próprio computador.

As TIC são entendidas neste estudo como artefatos facilitadores dos processos de ensino e aprendizagem que favorecem as inter-relações, a percepção e a interação em espaços e tempos. Assim, tendo estes artefatos sido usados pelos professores pesquisadores como meios para potencializar a prática pedagógica trataremos dos mesmos como Objetos de Aprendizagem (OA) ⁴.

Observamos que entre os OA predominaram as tecnologias que tem relação com imagens fotográficas paradas e/ou em movimento; por isso, os elegemos para dialogarmos neste estudo e são eles: o vídeo, o filme e as narrativas fotográficas (fotografia digital, fotonovela/história em quadrinhos, foto/performance, fotomontagem, colagem digital).

Os sete artigos dos professores pesquisadores de diferentes instituições de ensino do país, de autoria individual ou coletiva, apresentam proposições dos agentes docentes que contemplam o uso das TIC no ensino de artes visuais. Destes, quatro artigos envolvem alunos da graduação, participantes de disciplinas oferecidas nos Cursos de Licenciatura em Música, Artes Cênicas e Artes Visuais; dois artigos são direcionados aos alunos do Ensino Fundamental - Anos Finais e um artigo contou com participantes de um projeto de ensino e extensão, assim, as propostas educativas em artes mediadas pelas TIC relatadas nos artigos, em sua maioria, aconteceram no âmbito universitário, que, pensamos, pode ser compreendido ao considerarmos que o encontro da ANPAP envolve professores pesquisadores que, preferencialmente, atuam na pós-graduação, estando assim, mais próximos deste contexto.

A compreensão dos dados apresentados nos artigos escolhidos para este estudo foi realizada pelo método de “análise de conteúdo temática” proposta por Bardin (1979), com adaptações de Gomes (*apud* MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010), compreendendo, num primeiro momento, as etapas de leitura atenta do material coletado para construirmos uma visão do conjunto e das particularidades, então, elaborarmos os pressupostos, as formas de classificação e os conceitos teóricos orientadores.

A seguir, apresentamos um quadro síntese dos artigos (Quadro1) que foi organizado com os dados identificados nas publicações que apresentam aspectos relevantes para este estudo como: o título, o autor ou autores e a instituição de origem, o agente da ação docente, com quem foi aplicada a proposta, em qual modalidade de ensino, as TIC/objetos de aprendizagem abordados, os artefatos elegidos e o objetivo da proposta de ensino em artes visuais.

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	AGENTES	APLICAÇÃO	MODALIDADE	TIC/OA	MÍDIAS TECNOLÓGICAS	OBJETIVO	
1. IMAGENS NARRADAS: EDUCAÇÃO E VIDA EM DUAS (E MAIS) FICÇÕES	Rita Luciana Berti Bredariolli Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" /UNESP	Docente da disciplina	Alunos da Disciplina de Didática Geral	Cursos de Licenciatura em Música, Artes Cênicas e Artes Visuais		Imagens fílmicas	Filme: "Onde fica a casa de meu amigo" (KIAROSTAMI,1987)	Produção de sentido gerada no encontro entre as imagens, como núcleos e potencialidades de conhecimento sobre o conceito de "experiência" (DEWEY, 2010) em relação com os acontecimentos cotidianos, com a vida de cada participante da ação de ensino e aprendizagem sobre o ofício da educação.
2. A PRODUÇÃO EM ARTE DIGITAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA-PR	Anselmo Rodrigues de Andrade Júnior Ana Luiza Ruschel Nunes UEPG	Docente da graduação	Alunos da disciplina de Prática e Produção Artística	Licenciatura em Artes Visuais		Fotografia digital Fotomontagem Colagem digital Pintura digital	Software de criação, edição e tratamento de imagens Adobe Photoshop	Investigar o processo de ensino e aprendizagem na formação inicial de professores de artes e o acesso as tecnologias digitais na sua prática e produção em arte digital.
3. DOCENTES EM PROCESSO APRENDIZAGEM – REFLEXÕES SOBRE ENSINO DA ARTE, TECNOLOGIAS DIGITAIS E IMAGENS TÉCNICAS	Ana Alvarenga Jéssica Góes Joice Henck UERJ	Docentes Pesquisadoras Artistas	Coletivo de professores-artistas municipais	Projeto de extensão		Tecnologia informatizada no computador	notebook	Partir da reflexão sobre as configurações da paisagem informacional do mundo contemporâneo no processo de formação docente na área do Ensino da Arte, atentando para a produção e interação de novos saberes.
4. INCISÃO E MATRIZ NUMÉRICA: EXPERIMENTOS HÍBRIDOS NO ENSINO DE ARTE COM BASE EM TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ	José Maximiano Arruda Ximenes de Lima UFMG	Docente	Alunos da Disciplina Gravura Digital	Licenciatura em Artes Visuais		Xilogravura Gravura digital	Software: Photoshop	Usufruir das tecnologias na gravura digital para a formação inicial docente e artística dos professores de artes, contribuindo nos processos de ensino da Arte.
5. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CULTURA VISUAL: UMA EXPERIÊNCIA TEÓRICA, PRÁTICA E EDUCATIVA	Jociele Lampert Carolina Ramos Nunes UDESC	Docente	Alunos da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado e Cultura Visual Comunidade	Licenciatura em Artes Visuais e projetos de extensão		Fotoperformance Rede virtual Audiovisuais Fotografias	Software de edição e tratamento de imagens Site:www.artistasvisuais.com.br/cult uravisual DVD Câmeras digitais	Redimensionar o olhar para a ação do ser/estar artista/professor/pesquisador de forma crítica e efetiva.
6. O COTIDIANO DA SALA DE AULA: ENTRE RENOIR, PLAYBOY E LADY GAGA	Luiz Carlos Pinheiro Ferreira UnB	Docente	Educação Básica	Ensino fundamental 8ª. série		Imagens Fotográficas publicitárias	Fotografias impressas em revistas: Capricho, Atrévada, Toda Tenn	Construir junto com os alunos um repertório reflexivo e crítico em relação aos processos de ensino e aprendizagem em artes visuais.
7. FOTONOVELA: UMA EXPERIÊNCIA DE NARRATIVA VISUAL NA ESCOLA	Rosana de Castro UnB	Professora em formação	Educação Básica	Projeto para o Ensino Fundamental 7º. ano		Imagens fotográficas: Fotonovela	Software livre- GIMP ToonDoo Twitter	Desenvolver a consciência crítica e social como forma de levar e compreensão da realidade e a uma ação de intervenção na realidade

Quadro 1 - Artigos analisados selecionados dos Anais do 21º Encontro Nacional da ANPAP, 2012.

As relações, as proposições, os recursos, os objetivos e a dinâmica construída pelos sujeitos docentes e discentes envolvidos no espaço educativo e descritas nos artigos publicados nos anais, apresentam-se, neste momento, como instrumentos viabilizadores para a interpretação e compreensão dos dados em estudo.

Identificamos os núcleos de sentido a partir dos objetivos específicos propostos para que possamos apresentar as temáticas ampliadas respondendo as problematizações que nos inquietam: Quais tecnologias de informação e comunicação foram adotadas pelo professor pesquisador? Como foram exploradas as possibilidades das TIC no ensino de artes visuais? Qual proposição educativa em artes está imbricada nestas práticas docentes com as TIC relatadas nos artigos?

Pensar a prática docente dos professores de artes visuais mediada pelas tecnologias desloca o educador do lugar fixo no ambiente educativo e permite que possamos refletir e propor novas compreensões deste contexto e destes sujeitos envolvidos. Neste lugar de experimentações, dispomos de proposições, processos e investidas em metodologias de ensinar a aprender que nos colocam em situação de fazer escolhas e assumir enfrentamentos.

Escolhas e mediações pedagógicas com as TIC: o que produzem os professores pesquisadores em artes visuais?

Determinadas propostas dos professores pesquisadores para o ensino da arte privilegiam modos tradicionais de perceber, observar, contextualizar, problematizar, conteúdos e abordagens que se limitam as obras de arte e movimentos clássicos da história, restringindo a criação, a inovação, a pesquisa e os sentidos que podem surgir quando exploramos artefatos que rompem com padronizações e podem articular outros modos de ensinar, incentivados por visualidades em interações contextualizadas pelas mídias e imagens.

Ainda que os dispositivos tecnológicos sejam pouco explorados como dispositivos didáticos e, muitas vezes, permaneçam excluídos dos espaços educativos, operam com facilidades técnicas e disponibilizam recursos para a problematização, produção e reflexão no ensino de artes visuais. Tourinho (2009) afirma que o ensino de artes ocupa uma posição privilegiada em relação às possibilidades educativas que oferece para todos os estudantes, o que pode ser potencializado quando as abordagens pedagógicas são adequadas.

As reflexões que compartilhamos acerca das TIC no ensino de artes visuais, que não se esgotam aqui, pois não daríamos conta de uma abordagem desta envergadura, mas introduzem algumas ideias e possibilidades para problematizarmos e pensarmos acerca das tecnologias que dispomos para nossas práticas educativas, para participarmos como fruidores e construtores do conhecimento significativo no campo das artes visuais.

Nota-se igualmente que as imagens fotográficas predominam nos OA escolhidos pelos professores pesquisadores para as aulas de artes visuais. O filme, o vídeo e as narrativas fotográficas que incluem a fotografia digital, a fotonovela/história em quadrinhos, a foto/performance, a fotomontagem, a colagem digital foram operados com equipamentos tecnológicos, softwares e outras ferramentas diversificadas.

De uma forma geral, introduzindo aspectos, situações e modos de experienciar com estes objetos de aprendizagem, dialogamos com as escolhas dos professores pesquisadores apresentadas nos artigos publicados.

Imagens são produzidas em temporalidades diferenciadas, entrelaçando e reconfigurando produções de sentido de um repertório visual que se estabelece a partir das relações com aquele que olha e com aquilo que é olhado, num fluxo de sentidos múltiplos.

Imagens circulam em fluxo cada vez mais intenso, ocupando os espaços-tempos do mundo contemporâneo e seus cidadãos, fornecendo-lhes as ferramentas com as quais possam mediar suas relações entre si, e de si com o mundo, um mundo não mais representado nessas imagens, mas expandido por elas porquanto configurem uma nova dimensão deste mesmo mundo (MARTINS, A., 2007, p. 119).

Estas imagens que nos oferecem um mundo expandido são potencialidades de conhecimentos, são criações e recriações que chegam a nós de diferentes formas.

Entre as visualidades que permeiam os espaços educativos de ensino em artes estão as narrativas fílmicas com os mais inusitados efeitos especiais e múltiplos truques para capturar a atenção de quem vê, criando ilusões que nos oferecem diferentes realidades.

Bredariolli (2012) apresenta em seu artigo o uso do filme “Onde fica a casa de meu amigo” (KIAROSTAMI, 1987) elegido como OA para gerar narrativas visuais. Quando os alunos da graduação em Artes o assistiram, foram estabelecidas confluências de imagens oportunizadas pela leitura desenvolvida pelos educandos a partir dos temas educação e vida. O interesse e intenção do professor pesquisador convergiam para a produção de

sentido gerada no encontro entre as imagens, como núcleos e potencialidades de conhecimento sobre o conceito de “experiência” (DEWEY, 2010) em relação com os acontecimentos cotidianos, com a vida de cada participante da ação de ensino e aprendizagem sobre o ofício da educação.

Enquanto docentes articulamos propostas e ações educativas compartilhadas na experiência, na interação entre os participantes e com os artefatos tecnológicos, criamos movimentos diante da necessidade de investigar, propor, criar formas de ensinar em artes que suscitem mudanças no contexto educacional, construindo conhecimentos que produzam novos modos de ver.

Sobre a experiência problematizada a partir do OA, a professora registra no artigo as percepções que seguem abaixo e foram produzidas por um educando:

Além das experiências de Ahmed [personagem central] o filme nos oferece outra experiência, a de assistir a ele. Porém não é assistir passivo, ao longo do filme, relações são traçadas, experiências que já tivemos em época de escola são revisitadas. No desenrolar das cenas, envolvemo-nos com a saga do garoto, criamos hipóteses, tentamos pensar como o personagem, afligimo-nos e ao final ingerimos, digerimos e, porque não, regurgitamos o material visto. Assim temos uma experiência singular, vivida de forma estética: afetivamente, intelectualmente e de forma prática. (F.Z *apud* BREDARIOLLI, 2012, p. 493).

Os filmes são OA que se constituem (ou constituídos) de elementos para compreendermos visões de mundo, são formas de expressão para além de uma função instrumentalizada informativa, que se apresentam para podermos experienciar e problematizar questões estéticas, conceituais, formais e técnicas nesta dimensão de imagens em movimento superando os limites de uma

concepção meramente instrumental da utilização do cinema como mero recurso didático a serviço de outras áreas do conhecimento. Porquanto o cinema constitua uma área que dialoga com tantos campos do conhecimento, no tocante ao universo imagético, cabe ao ensino de artes visuais oportunizar não só o exercício de leituras de suas narrativas, como de experimentação na realização de imagens que resultem de outros recursos e técnicas, propiciando e entrecruzamento e o confronto de seus princípios estéticos, formais e conceituais. (MARTINS, A., 2007, p.127).

Deste modo estabelecemos mudanças nos modos de pensar, classificar e explicar o mundo enriquecendo e ampliando relações no ensino de artes visuais a partir de experimentações compartilhadas com os educandos, para além de abordagens puramente teóricas e limitadoras.

Outro OA que nos apresenta imagens é o vídeo, uma tecnologia para capturar a imagem com ilusão de movimento, que apresenta de uma forma dinâmica, concebendo sua interpretação e percepção a partir da tridimensionalidade, da velocidade e da direção (ARNHEIM, 1997). É usado como recurso audiovisual na aprendizagem com qualidades que perpassam possibilidades interativas e potencializam o ensino de arte respondendo a objetivos propostos pelo professor pesquisador.

Em muitas situações de ensino o vídeo ainda é usado apenas como simples recurso complementar. Entretanto, a realidade tem mostrado que o uso do vídeo se expande significativamente, tem tido presença frequente e de qualidade nos processos educativos em artes.

Dispomos das tecnologias com facilidade de acesso, os equipamentos registram rapidamente os acontecimentos para produção de imagens e sons que compõem os vídeos. Professores e alunos podem elaborar seus próprios vídeos, como também, podem usufruir dos vídeos disponibilizados via *web*, ou ainda, dos vídeos editados e comercializados (TIELLET, 2012).

No artigo das professoras pesquisadoras Lampert e Nunes (2012) os vídeos com imagens do mar, presentes no entorno dos sujeitos participantes, foram tratados como produção cultural artística e apresentaram-se como fonte de pesquisa, sendo elemento articulador de significados e sentidos na discussão que permeou a temática “Quem somos, onde vivemos e o que produzimos”, no projeto “Imagens do mar”, desenvolvido pelas acadêmicas da Licenciatura em Artes Visuais, em Florianópolis, Santa Catarina.

A partir das relações com as imagens que ultrapassam o que é visível, as autoras afirmam que “tornou-se perceptível as singulares relações sociais e culturais pautadas em uma construção individual e coletiva dos participantes tanto ativos quanto passivos do processo do projeto” (LAMPERT; NUNES, 2012, p. 2151). O professor atento percebe estas relações neste processo composto por significações que precisam ser compreendidas no contexto de ensinar e aprender em artes visuais que se propõe a redimensionar o olhar para a ação do ser/estar artista/professor/pesquisador de forma crítica e efetiva”. (LAMPERT; NUNES, 2012, p. 2143-2151 *passim*).

Considerar os usos que os educandos fazem das visualidades cotidianas contemporâneas nas aulas de artes é uma forma de fazer aproximações potencializando as experiências vividas por eles. São elementos que podem suscitar problematizações que expandem os limites da sala de aula.

O ensino de artes visuais há muito tempo tem se ocupado das visualidades de toda ordem e, atualmente, as tecnologias digitais tem contribuído exponencialmente para o processamento e difusão das imagens “agora tratadas não mais como simples representações da realidade, mas como construção de novas realidades”⁵(MARTINS, R., 2007, p. 29).

Diferentes linguagens artísticas se hibridizam, interconectam como linguagem. Sendo produzidas pelas tecnologias digitais são constituídas a partir de uma rede de informações e rotas escolhidas pelo produtor para que, no campo expandido da arte, efetivem-se leituras destes textos visuais que produzam sentidos.

A leitura consiste, então, em um processo de apreensão dos efeitos de sentido que só acontece na interação do leitor com o texto. Esta interação pode assumir diversos graus de intimidade entre o sujeito e o texto. À medida que o leitor olha e reflete sobre o que vê, sua leitura vai se tornando mais complexa e mais densa, fundamentada nas evidências colocadas no enunciado e nas informações de que dispõe. Portanto, não se trata de elaborar propostas de leitura a serem implementadas pelos professores, mas da criação de possibilidades de leitura, as quais vão ser exploradas e contextualizadas pelo professor de acordo com sua formação, seus interesses e os do grupo em que atua. Leituras que produzam sentido tanto para o professor como para os alunos (PILLAR, 2012, p.720).

Esta criação de possibilidades de leitura pressupõe que existam rupturas e descontinuidades no campo das visualidades, gerando complexos fluxos e entrecruzamentos do pensamento.

Precisamos reconhecer o alcance das transformações que estão ocorrendo, para além, dos avanços tecnológicos, ampliadas nas possibilidades de relação e diálogo dos sujeitos com a arte e seu ensino, configurando visualidades e formas de recepção coletivas (MARTINS, R., 2007).

As situações onde se efetivam os processos teórico-práticos de ensinar e aprender, inter-relações de saberes, reflexões pertinentes e expandidas, oferecem um espaço para a reflexão da atividade docente do professor pesquisador.

Nesse sentido, usar as tecnologias contemporâneas para o ensino de arte, quer seja na produção artística, quer seja como suporte para a construção de novos conhecimentos, e reconhecer a possibilidade de expressão artística com a mídia tecnológica são tarefas e desafios contemporâneos aos quais os professores de Arte devem estar atentos (PIMENTEL, 2007, p. 298).

Quando os educandos são mobilizados para problematizar as TIC e seus modos de interação, podemos ampliar as possibilidades de ressignificar criticamente e com

autonomia os territórios do conhecimento em artes, interconectando imagens, textos e sons num diálogo construído consigo, com o outro e com o mundo.

Estes diálogos surgem quando podemos dispor das imagens fotográficas como OA que, mesmo com popularidade entre os educandos, é pouco utilizada como instrumento didático-pedagógico pelo professor. As imagens fotográficas realizadas pelos próprios alunos, que é uma prática comum, em geral, também não são exploradas pelo professor como geradoras de aprendizagem.

A imagem fotográfica está largamente disponibilizada nos mais variados artefatos pela imprensa, pela televisão, nos livros didáticos, nos telefones móveis, na publicidade, nas redes virtuais, nos computadores, enfim, numa série de artefatos, pulverizada e infinitamente manuseada no meio em que vivemos.

Na imbricação de saberes e fazeres evidenciados pelas imagens tecnológicas surgem redes peculiares de significações que são tratadas nas aulas de artes, onde aprender envolve mudanças que podem apontar caminhos para vivências estéticas.

Um dos projetos das autoras Lampert e Nunes, descrito no artigo dos Anais da ANPAP, abordou a foto/performance, a partir do trabalho “AlimentAÇÃO”, do artista Paulo Bruscky, onde ele simula comer o próprio corpo através de poses para fotos e intervenção na revelação. O uso destas imagens poéticas oportunizou

discutir a experiência social e cultural do ver, ressaltando seus impactos na formação de identidades e subjetividades. As imagens, como eixo de articulação de significados e sentidos sobre quem somos, como nos vemos, como vemos o outro e como operamos no mundo, são temas a serem debatidos e elaborados com vistas a compreender e explorar seus usos e funções na formação escolar dos indivíduos. (LAMPERT; NUNES, 2012, p.2150).

Os OA precisam estar articulados com práticas pedagógicas qualificadas para o ensino da arte na contemporaneidade de modo a potencializar o processo educativo, no qual é muito mais aprender “para” ensinar.

Uma imagem é, acima de tudo, uma representação de significados, e seus elementos visuais são relevantes, não porque podem ser assinalados de maneira isolada e descontextualizada, mas pela sua contribuição à produção de significado de uma maneira sistemática. (HERNÁNDEZ, 2009, p.199).

Assim, o professor pesquisador e mediador do ensino da arte precisa estar aberto a explorar novas fontes do conhecimento com o uso das tecnologias, o que exige mais

tempo e disposição para se dedicar a estas formas e desenvolver no aluno a criatividade, explorando e desafiando o processo criador com as novas ferramentas tecnológicas.

A fotografia digital, a fotomontagem e a colagem digital no contexto da Arte Digital, integraram as ações pedagógicas dos professores Andrade Júnior e Nunes (2012, p. 889) para “investigar o processo de ensino e aprendizagem na formação inicial de professores de artes visuais ao proporcionar o acesso às tecnologias na sua prática e produção em arte digital”.

As imagens digitais, de uma forma simplista, são produzidas por aparatos tecnológicos que tem como referência uma informação numérica. Podem ser manipuladas com ferramentas disponíveis em *softwares*, que são programas próprios utilizados para criação, edição e tratamento de imagens.

Conforme relato dos professores pesquisadores Andrade Júnior e Nunes (2012), a maioria dos alunos enfrentaram dificuldades e alguns se mostraram resistentes na produção das imagens poéticas digitais, diante da proposta lançada, por não estarem familiarizados com os programas. A indicação inicial abordava a fotografia digital registrando imagens dos alunos compondo cenas a partir de obras de referência da História da Arte, para depois serem manipuladas nos programas específicos de edição, resultando nas fotomontagens.

A segunda produção na proposta dos professores foi realizada com colagem virtual e partiu de imagens já disponíveis na *web* que foram organizadas em diferentes composições surrealistas, explorando a distorção de imagens por meio do *software Adobe Photoshop*. Depois de realizarem as experimentações, os professores afirmaram que nesta proposta os alunos produziram com mais fluidez, aprendendo a lidar com as ferramentas dos programas e estabelecendo relações hibridizadas e interativas na sua, ainda frágil, produção poética com imagens virtuais. (ANDRADE JÚNIOR; NUNES, 2012).

Cada tecnologia nos traz elementos de aprendizagem que precisam ser articulados, que exigem tempo para o entendimento, para que se possa criar, conquistando a zona de conforto neste espaço inusitado.

A professora Castro (2012, p. 2279) apresentou no seu artigo o modo como as artes, a educação e as TIC podem corroborar numa proposição pedagógica para a produção de artefatos visuais, no caso uma fotonovela/história em quadrinhos, com alunos do ensino fundamental que participaram do projeto, com o objetivo de

“desenvolver a consciência crítica e social como forma de levar a compreensão da realidade e a uma ação de intervenção nessa realidade”.

A professora relatou na sua escrita que a proposta foi desenvolvida a partir de um tema (*bullying*) que emergiu de um episódio envolvendo os alunos e, depois de alguns encontros de preparação e experimentações com a composição de imagens e cenas sequenciais, foram ministradas oficinas para operar com os *softwares* livres *GIMP*⁶ e *ToonDoo*⁷ na produção de histórias em quadrinhos e com os elementos constitutivos desta linguagem. Na continuidade, a professora descreve que foi construído o texto, foram feitas as imagens fotográficas das cenas elegidas com a participação dos alunos para, então, ser organizada a versão final da fotonovela/história em quadrinhos que foi impressa e distribuída (CASTRO, 2012).

É importante para o professor conhecer e compreender as relações entre as atividades de ensino em artes visuais, os conteúdos, as metodologias e os processos de aprendizagem, para mediar situações de colaboratividade e interatividade na contextualização, fruição e produção com as tecnologias, para o agenciamento dos conhecimentos significativos.

O artigo do professor pesquisador Ferreira (2012) apresenta como objeto de aprendizagem as imagens publicitárias de revistas (Capricho, Toda Teen, Atrevida), endereçadas aos adolescentes, neste caso, alunos do ensino fundamental, para construir um repertório reflexivo e crítico nos processos de ensino e aprendizagem em artes visuais.

O cotidiano pode contribuir com diferentes sentidos para o conceito que temos em relação à escola e aos conteúdos e o autor afirma que passou a utilizar

outras formas de visualidades, que serviam como ‘estratégias curriculares’, como forma de incorporar elementos da vida, do cotidiano e da história de cada aluno em sala de aula. Nesse momento a aula de arte ganhou singularidade, pois o tema da aula não atendia, necessariamente, a todos. Havia um processo de individualização da atividade, onde cada aluno poderia construir sua história a partir de suas referências visuais, sociais e culturais (FERREIRA, 2012, p. 2191).

As imagens fotográficas publicitárias das revistas destinadas aos adolescentes foram incorporadas nas aulas do professor, pois faziam sentido para a construção de significados na vida e no cotidiano dos alunos, desse modo, configurando o espaço escolar com um campo onde imprimimos experiências proximais e concretas,

possibilitando diálogos compartilhados e subsídios para a construção de sentidos nos diferentes modos de olhar e significar as imagens cotidianas.

Somos o que vamos nos tornando e que, portanto, a educação em artes visuais visa provocar deslocamentos, trazer à tona conflitos de nossas vivências, questionar nossas práticas e maneiras de olhar reforçando a experiência social que nos constrói enquanto seres culturais (TOURINHO, 2009, p. 3353)

Professores pesquisadores aprendem todos os dias, nos espaços de convivência, sejam eles educativos ou não, e são desafiados a fazer escolhas nos processos de ensinar e aprender em artes visuais, que demanda relações com as tecnologias e com os envolvidos neste cotidiano.

A diversidade de propostas que podemos desenvolver no ensino de artes, com a mediação das tecnologias, precisa ser mantida no contexto educativo sem perder o foco na qualidade da educação propositora, transgressora e mobilizadora, proporcionada pelas visualidades, na direção de expectativas que possibilitem reunir experiências, percepções, reflexões e ações.

Investigar e imaginar-nos ajuda a buscar respostas e formular perguntas para as questões que nos acompanham, entre elas, pensar como e quando utilizar as TIC para um aprendizado efetivo em artes. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente permanente, que os sujeitos fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2010, p. 67).

A interação e a colaboratividade de modo autoral são ampliadas com as possibilidades do processo de aprendizagem mediada pelas tecnologias, integrando ações individuais e coletivas no ensino de artes para mobilizar campos do conhecimento num diálogo crítico e reflexivo que perpassa saberes em fluxo.

Pensando no percurso

Experienciar, problematizar e promover reflexões conscientes acerca da prática docente de professores em artes visuais, mediada pelas tecnologias, pode gerar e produzir o reconhecimento de novas possibilidades educativas na contemporaneidade, construídas com interatividade, compartilhamento e afirmadas pelo diálogo.

Os sete artigos elegidos para este estudo apontaram proposições para pensarmos a atuação docente no ensino de artes, mediadas pelas tecnologias, nos quais os autores apresentaram as TIC elegidas. Entre os objetos de aprendizagem identificamos aqueles relacionados com as imagens fotográficas paradas e/ou em movimento, dos quais foram

abordados: o filme, o vídeo e as narrativas fotográficas (fotografia digital, fotonovela/história em quadrinhos, foto/performance, fotomontagem, colagem digital).

Pensar as propostas de professores pesquisadores para o ensino de artes mediadas pelas TIC permite que possamos compreender que a multiplicidade de tecnologias que nos são disponibilizadas apresentam seus limites, suas contribuições e características singulares. Estas tecnologias podem ser experimentadas, usufruídas e avaliadas quando utilizadas como mediadoras no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em artes, proporcionado pelos professores pesquisadores, para dimensionarmos suas contribuições ao possibilitar um ambiente interativo e colaborativo com o intuito de oferecer ao educando a construção do conhecimento reflexivo e crítico, com inventividade, participação e autoria na produção de sentidos.

Portanto, este artigo constituiu-se de um estudo para pensarmos o educador enquanto propositor que instaura possibilidades de diálogos educativos midiáticos, ampliados e significativos na sua atuação como mediador de metodologias inovadoras, modos de ensinar e aprender em artes visuais, que sejam próximos do que mobiliza, do que inquieta e, ao mesmo tempo, possam ser experienciados e que possibilitem continuarmos a dialogar, investigando e suscitando possibilidades de se repensar a atuação e as proposições educativas mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação que não se esgotam, pois ainda demandam muitos outros estudos no contexto da área de professores pesquisadores.

NOTAS

¹ A autora utiliza a grafia @ para designar masculino e feminino.

² A Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) foi fundada em 1987 e congrega pesquisadores, centros e instituições de pesquisa para promover, desenvolver e divulgar o campo das artes plásticas em encontros, eventos e publicações, bem como, colabora com programas de pesquisa, promove convênios, intercâmbios e contatos para apoiar o desenvolvimento das pesquisas em artes plásticas e visuais em todos os níveis acadêmicos. A associação também articula um espaço para discussões das questões relativas aos Programas de Pós-Graduação em Arte de todo o país, por meio do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação (*strictu sensu*) e está organizada pelos seguintes comitês: Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte (CHTCA), Comitê de Educação em Artes Visuais (CEAV), Comitê de Poéticas Artísticas (CPA), Comitê de Curadoria (CC), Comitê de Patrimônio e o Conservação e Restauro (CPCR). (ANPAP, 2012).

³ Os temas dos doze simpósios foram: Arte e Tecnologia: ficções e fricções; Modos interativos: entre a ficção e a fricção; Educação e vida/arte e fricção; Condições de sentido nas práticas discursivas na/da arte; Arte e interdisciplinaridade; Observatório da formação de professores de Artes no Brasil: fricções e movimentos; Corpo e imagem, relações, tangências, reverberações na contemporaneidade; O que os olhos veem o coração sente... Afetos e desafetos na história da arte; Gravura artística e contemporaneidade: de

fricção e ficção na vida e na arte; Cruzamentos e meios: o múltiplo na arte contemporânea; Lugares atravessados – Amazônias: Ficção e Fricção; Educação e Cultura Visual. (ANPAP, 2012)

⁴ Um objeto de aprendizagem é qualquer recurso que possa ser reutilizado para dar suporte ao aprendizado. Sua principal ideia é "quebrar" o conteúdo educacional disciplinar em pequenos trechos que podem ser reutilizados em vários ambientes de aprendizagem. Qualquer material eletrônico que provém informações para a construção de conhecimento pode ser considerado um objeto de aprendizagem, seja essa informação em forma de uma imagem, uma página HTM, uma animação ou simulação. (BRASIL, 2012).

⁵ No campo da Cultura Visual são estudadas e investigadas visualidades como forma de acesso ao conhecimento. (MARTINS, 2007).

⁶ *GNU Image Manipulation Program*) é um programa de código aberto voltado principalmente para criação e edição de imagens *raster* [com descrição em cada pixel, em oposição a imagens vetoriais], e em menor escala também para desenho vetorial. (WIKIPÉDIA, 2011).

⁷ É uma ferramenta de excelente qualidade e que oferece muitos recursos para a criação de Histórias em Quadrinhos, tiras ou *cartoons* personalizados. (TOONDOO, 2012)

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Ana; GÓES, Jéssica; HENCK, Joice. Docentes em processo aprendizagem – reflexões sobre ensino da arte, tecnologias digitais e imagens técnicas. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012, p.904-916.

ANDRADE JÚNIOR, A. R. de; NUNES, Ana L. R. A produção em arte digital: possibilidades e desafios dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012, p.889-903.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1997.
BOLETIM ARTE NA ESCOLA. **A escola do futuro já chegou: como ensinar arte ao aluno do século XXI?**. São Paulo, n. 66, set./out. 2012. Disponível em:< <http://www.readoz.com/publication?i=1052692> >. Acesso em: 05 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Rived**. Disponível em:< http://rived.mec.gov.br/site_objeto_lis.php >. Acesso em 11 nov. 2012.

BREDARIOLLI, Rita L. B. Imagens narradas: educação e vida em duas (e mais) ficções. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012, p.431-443.

CASTRO, Rosana de. Fotonovela: uma experiência de narrativa visual na escola. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:<

http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012, p.2274-2286.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUTRA, L. F.; MAIO, Ana Z. F. O ensino de arte diante das tecnologias contemporâneas. **Revista Palíndromo**: ensino de arte, Florianópolis, v. 1, n. 02, p. 40-63, jan./jun. 2009. Disponível em:< http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/1ensino_de_arte/3_palindromo_lidiane.pdf >. Acesso em: 10 out. 2012.

FERREIRA, Luiz C. P. F. O cotidiano da sala de aula: entre Renoir, Playboy e Lady Gaga. Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf >. Acesso em: 20 out. 2012, p.2186-2200.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

HERNÁNDEZ, Fernando. Da alfabetização visual ao alfabetismo da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora UFSM, 2009, p.189-212.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina R. Reflexões sobre a prática pedagógica da cultura visual: uma experiência teórica, prática e educativa. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf >. Acesso em: 20 out. 2012, p. 2143-2155.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Brasil, n. 19, p. 01-28, jan./abr., 2002. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LIMA, José M. A. X. de. Incisão e matriz numérica: experimentos híbridos no ensino de arte com base em tecnologias contemporâneas no curso de licenciatura em artes visuais do Instituto Federal do Ceará. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf >. Acesso em: 20 out. 2012, p.1580-1590.

MARTINS, Alice F. Imagens do cinema, cultura contemporânea e o ensino de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte educação e cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007, p. 111-130.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte educação e cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007, p. 19-40.

MINAYO, Maria C. de S.(org); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PILLAR, Analice D. Produções audiovisuais contemporâneas e o ensino da arte: exercício de leitura. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/analice_pillar.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012, p 709-721.

PIMENTEL, Lúcia G. Formação de professor@s: ensino de arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte educação e cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007, p. 1289-300.

SILVA, A. **Processos de ensino-aprendizagem na Era Digital**. 2006. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-processos-ensino-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2012.

TIELLET, Claudio A. B. **Produzindo objetos de aprendizagem: considerações sobre AVA**. 2012. Disponível em:< http://cead.ufsm.br/moodle/file.php/3872/Material_de_2012/OA_producao_apostila.pdf>. Acesso em: 05 out. 2012.

TOONDOO. Disponível em:< http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ferramentasweb/toondoo_tutorial.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2012.

TOURINHO, Irene. Comitê de Educação em Artes Visuais: uma análise das questões de pesquisa da Anpap 2008. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 18.,2009, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:< http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/irene_maria_fernandez_silva_tourinho.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2012, p.3347-3361.

_____. Currículo para além das grades: de porões a terraços, praças e jardins. In: **VIS**, Brasília, v.8, n.1, Jan./Jun. 2009, p. 49-59. Disponível em:< <http://ida.unb.br/revistavis/Book-2010-04-26%20VIS-%20NOVO.pdf> >. Acesso em 05 nov. 2012.

WIKIPÉDIA. **GIMP**. 2011. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/GIMP>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

Referências virtuais:

www.anpap.org.br

Viviane Diehl: viviediehl@hotmail.com

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi: reinilda.minuzzi@gmail.com

Apêndice A - – Resumos dos artigos da do 21º. Encontro da ANPAP 2012

SIMPÓSIO 3: EDUCAÇÃO E VIDA/ARTE E FRICÇÃO

1. Imagens narradas: educação e vida em duas (e mais) ficções

Rita Luciana Berti Bredariolli

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP

RESUMO

Esse texto aborda os vínculos entre educação e vida, através de uma situação de ensino e aprendizagem de arte criada na intersecção de duas ficções: “Tendo uma experiência” de John Dewey e “Onde fica a casa de meu amigo” de Abbas Kiarostami.

Palavras-chave: arte. educação. vida. imagens. ficções

SIMPÓSIO 6: OBSERVATÓRIO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTES NO BRASIL: FRICÇÕES E MOVIMENTOS

2. A produção em arte digital: possibilidades e desafios dos acadêmicos do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR

Anselmo Rodrigues de Andrade Júnior - UEPG

Ana Luiza Ruschel Nunes – UEPG

RESUMO

Como as escolas públicas podem se utilizar da Arte Digital para o processo de ensinoaprendizagem em Artes Visuais? A busca por subsídios que possam validar o uso da tecnologia dentro da escola, associado a possibilidade apresentada pelo arte-educador em facilitar o acesso tecnológico ao aluno se configura em um desafio para a educação no século XXI. A pesquisa procura mostrar a relevância desta temática investigando a prática e produção artística digitais na formação inicial dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR e as implicações do processo criativo. A abordagem é qualitativa através da investigação-ação, com experiências visuais produzidas em ambiente virtual e utilizando o computador de maneira híbrida, emergindo em outras opções para a produção artística nas Artes Visuais.

Palavras-chave: arte educação. arte digital. produções artísticas.

3. Docentes em processo aprendizagem – reflexões sobre ensino da arte, tecnologias digitais e imagens técnicas

Ana Alvarenga – UERJ

Jéssica Góes – UERJ

Joice Henck – UERJ

RESUMO

A partir da reflexão sobre as configurações da paisagem informacional do mundo contemporâneo, perscrutamos o processo de formação docente na área do Ensino da Arte, atentando para a produção de novos saberes. Discutimos a posição do “mestre ignorante” (Rancière, 2002) que ocorre entre as posições do mestre aprendiz ao aprendiz mestre, considerando a interação docente/discente na aquisição da competência para o domínio da equipagem eletrônica. O jogo com a caixa preta (Flusser, 1985), inesgotável nas possibilidades de uso dos recursos digitais, se dá no agenciamento dos saberes em coletividade. A principal condição de se perceber educador é o entendimento dessa situação de troca e interação dos saberes entre os agentes do ensino aprendizagem.

Palavras-chave: ensino da arte. formação docente. tecnologia digital. imagem técnica.

SIMPÓSIO 9: GRAVURA ARTÍSTICA E CONTEMPORANEIDADE: FRICÇÃO E FICÇÃO NA VIDA E NA ARTE

4. Incisão e matriz numérica: experimentos híbridos no ensino de arte com base em tecnologias contemporâneas no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará

José Maximiano Arruda Ximenes de Lima – UFMG

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência de algumas pesquisas desenvolvidas nas aulas de gravura Digital do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará. As tecnologias utilizadas nas aulas e desenvolvimento das mesmas são apresentadas. Verifica-se atualmente que muitas escolas têm laboratório de informática. Os adolescentes iniciam muito cedo no mundo virtual e sua familiaridade com essas mídias é notória. Os professores de Arte não podem fechar os olhos para essa realidade. Apresentá-las no papel da iniciação artística contribuirá para uma maior repercussão positiva do ensino da Arte.

Palavras-chave: ensino de arte. xilogravura. gravura no campo ampliado.

SIMPÓSIO 12: EDUCAÇÃO E CULTURA VISUAL

5. Reflexões sobre a prática pedagógica da cultura visual: uma experiência teórica, prática e educativa

Jociele Lampert - UDESC

Carolina Ramos Nunes – UDESC

RESUMO

O texto refere-se ao processo de formação inicial em Artes Visuais, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Cultura Visual da Universidade do Estado de Santa Catarina, e propõe tessitura sobre a reflexão de práticas educativas diante da proposta da Cultura Visual. Por meio de projetos e subprojetos desenvolvidos nestas disciplinas, foi possível o redimensionamento do olhar para a ação do ser/estar artista/professor/pesquisador de forma crítica e efetiva.

Palavras-chave: cultura visual. prática pedagógica. artes visuais.

6. O cotidiano da sala de aula: entre Renoir, Playboy e Lady Gaga

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira – UnB

RESUMO

Apresento dois episódios ocorridos em sala de aula, que foram determinantes para o processo de reflexão crítica acerca da minha prática docente como professor de artes visuais. São episódios que aconteceram em momentos distintos, porém, com a mesma intensidade, sobretudo, em virtude do desdobramento que ambos provocaram na minha trajetória profissional. O primeiro levou-me para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e o segundo para o Doutorado no Programa de Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Agora, atuando na docência do ensino superior com alunos do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília, sinto-me na responsabilidade de construir junto com meus alunos um repertório reflexivo e crítico em relação aos processos de ensino e aprendizagem em artes visuais.

Palavras-chave: cotidiano. prática docente. ensino e aprendizagem. artes visuais

7. Fotonovela: uma experiência de narrativa visual na escola

Rosana de Castro – UnB

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre o papel central que a imagem ocupa no gerenciamento da vida humana e ainda sobre a necessidade premente dessa assumir um lugar de maior destaque nos processos educacionais tradicionalmente pautados na cultura impressa. A neurociência avança e constata que o processamento de informações no cérebro não se dá de forma verbal nem textual. As imagens é que conduzem o gerenciamento das atividades cerebrais e, por conseguinte, organizam todo o nosso ciclo vital. Além dessa reflexão, trazemos um exemplo de experiência em Educação da Cultura Visual realizada no *Projeto: Arte/Fatos: narrativas da cultura visual* na escola como forma de compartilhar resultados alcançados por intermédio de práticas pedagógicas pautadas em narrativas visuais.

Palavras-Chave: educação. cultura visual. TIC. prodocência.